

**UMA HISTORIADORA EM VIAGEM: ITINERÁRIO DE ADELINE
DAUMARD NO BRASIL (1975-1979)**

Daiane Machado

Unesp; Fapesp

daiane_vm@yahoo.com.br*

Este trabalho analisa a narrativa epistolar de uma historiadora em viagem. Nosso tema de estudo é a experiência acadêmica da historiadora francesa Adeline Daumard (1925-2003) no Brasil. Para tanto, trabalhamos com as missivas que ela trocou com sua mãe, Amélie Renaudie, e seu irmão, Jacques Daumard, durante as viagens realizadas entre 1975 e 1979.

O material investigado é composto de 19 cartas enviadas e 9 cartas recebidas, as quais constituem o “Fonds Daumard”, depositado no Arquivo Nacional francês, em Pierrefitte-sur-Seine.¹ Trata-se de um fundo de arquivo pertencente à família Daumard, onde também encontramos documentos que remetem à carreira profissional e à vida doméstica do pai e do irmão da historiadora, os quais, convém observar, ocuparam cargos no governo francês.² A correspondência familiar, os cartões postais, as fotos e os documentos de gestão financeira permitem refletir acerca da condição social e econômica da família, assim como do acesso à educação e à cultura, da orientação religiosa e política e, também, do apoio da família à propósito da escolha profissional da historiadora.

* Como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2016/22187-3), desenvolvo a pesquisa de pós-doutorado intitulada: *Modos de ser historiadora: concepções do ofício em Cecília Westphalen, Maria Beatriz Nizza da Silva e Adeline Daumard, entre 1970 e 1990*, sob supervisão da Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini.

¹ A coleta de fontes foi realizada no quadro de um Estágio de Pesquisa no Institut d’Histoire du Temps Présent (IHTP), em Paris, sob supervisão de François Dosse.

² O pai, Victor-Léon Daumard (1898-1965), exerceu a função de inspetor geral da Radiodifusão Nacional (1955-1959), e o irmão, Jacques Daumard (1926-2001), ocupou diferentes cargos administrativos na qualidade de funcionário público do Ministério da Defesa.

No tocante a Adeline Daumard, o arquivo guarda diferentes traços de sua trajetória acadêmica: fontes e obras historiográficas; recortes de jornais sobre sua produção e suas aparições em eventos; textos de conferências pronunciadas; versões de um currículo acadêmico de tempos em tempos atualizado; rascunhos e manuscritos de livros e de cursos; agendas que ordenavam o percurso do dia; correspondências que, repetidamente, possuem cópias das versões enviadas. Deste imenso espaço, privilegiaremos as narrativas epistolares.

Ao trabalhar com a escrita de viagem de Daumard, objetivamos explorar no relato desta experiência histórico cultural a concomitante construção de si e do outro - esta historiografia brasileira que é observada e objetivada. Buscando, assim, compreender como a historiadora francesa fala de si e do seu meio de pertencimento a partir do que escolhe contar do outro, direcionar-nos-emos a sua trajetória acadêmica para relacionar sua frágil posição no meio francês com suas apreciações da historiografia brasileira e sua autovalorização como expert no Brasil. Colocando-a entre estes dois campos historiográficos, analisaremos os efeitos do descolamento na sua constituição profissional e, então, sublinharemos a descoberta de outra maneira de trabalhar para construir diálogos com o outro. Neste momento, também atentaremos para a composição de uma rede feminina em solo brasileiro e indicaremos as características sociais desta rede.

Contar e construir-se

Como a primeira historiadora estrangeira convidada pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Daumard desembarcou em terras brasileiras pela primeira vez em 1975, repetindo a travessia em 1977, 1979, 1980 e 1986. Evidentemente, havia uma intenção particular por parte desta instituição. A anfitriã, Cecília Westphalen (1927-2004), também foi uma historiadora viajante. Nos anos 1950, ela fez estágio de pesquisa junto a Fernand Braudel na École

Pratique des Hautes Études (EPHE), em Paris, e desde então dedicou-se a estabelecer diálogos historiográficos com o círculo braudeliano (MACHADO, 2016). Conforme as trocas de cartas confidenciam, Braudel teria indicado Daumard à professora brasileira como especialista da prática da história social na França.³

Nesse período, Daumard era professora de História Contemporânea na Universidade de Picardie, em Amiens, instituição que não lhe convinha, sobretudo pelos limites que ela impunha na arquitetura de projetos coletivos. Narrando um jantar ocorrido após sua conferência na Universidade de São Paulo (USP), em 1977, a historiadora lembrava aos seus destinatários os embaraços que existiam para responder às solicitações de seus colegas brasileiros: “quanto ao plano institucional meu vínculo com Amiens me parece tornar isso verdadeiramente utópico”. Mesmo se, segundo seus anfitriões: “meus trabalhos pessoais compensam as insuficiências da minha Universidade” (22 ago. 1977, p. 1).

Enlaçada entre o entusiasmo e a incerteza, ela confessava que os ouvir era “muito agradável”. Encontramos esses mesmos sentimentos quando ela se exprime sobre os candidatos ao doutorado. A partir do seu primeiro retorno, em 1977, eles começavam a aparecer. O número modesto de candidatos nos remete a força silenciosa dos interditos institucionais, visto que, nesta época, as instituições francesas mais prestigiadas estavam em Paris, onde Daumard não tinha uma posição estável.

Quanto a sua projeção acadêmica, Daumard vinha ao Brasil como a pesquisadora que havia defendido na Sorbonne uma tese de doutorado sobre o perfil da burguesia parisiense do século XIX (1963),⁴ na esteira de Ernest Labrousse. Tese que lhe rendeu o prêmio da Académie des Sciences Morales et Politiques (FOHLEN, 1964; MOLS 1964; MARQUANT, 1966). Apesar desse signo de reconhecimento, da sua filiação intelectual e da extensão de sua produção historiográfica, ela já chegou ao

³ Na margem da carta, Daumard enfatiza o que estava esquecendo de contar: “Cecília me disse hoje que foi Braudel quem pela primeira vez indicou meu nome a ela e que, além disso, Labrousse, que elas encontraram no ano passado em Chantilly, me apresentou a elas como o melhor historiador francês de história social (sic).” ([1980], p. 4). Não flexionamos em gênero “o melhor historiador” porque a historiadora não a faz. Lemos aqui um forte indício da masculinização dessa especialidade. Para facilitar a fluidez da leitura, optamos pela tradução direta de todas as citações.

⁴ Orientada por Charles Pouthas.

Brasil carregando o dissabor da recusa de sua candidatura na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), nas Universidades de Paris X e Paris IV.

Considerando que as missões de ensino no exterior são um tipo de exigência subentendida para a promoção científica, compreende-se quão importantes lhe foram os convites brasileiros. Nessas condições, ela não ousava rejeitar os candidatos ao doutorado que lhe propunham temas distintos de seu domínio de pesquisa:

Este moço faz mestrado atualmente e pretende ir à França fazer uma tese de 3º ciclo, que eu poderia orientar. É sobre problemas religiosos e eu tive algumas reticências, mas até saber que o professor assistente que eu visitei no sábado se inscreveu para fazer uma tese sobre a história do Banco do Brasil no século XIX com Berthe, especialista do México do século XVII (14 ago. 1977, p. 6).

Ademais, esta terra estrangeira parecia oferecer a Daumard alguns gestos de deferência que ela não recebia em Paris. Deste modo, particularmente ao longo das suas primeiras estadias, vemos crescer em sua narrativa epistolar a autoridade da sua palavra a partir da construção da sua valoração. No registro das experiências vividas ou das emoções idealizadas, a viagem passava a significar a ela um momento de afirmação de si (WALTON, 2008, p. 141).

Daumard se exhibe como expert reproduzindo o que ela ouvia dos outros: “Todos são muito gentis e de todos os lados me dizem que meu trabalho foi muito apreciado e muito útil. Melhor assim!” (30 ago. 1977, p. 1-2). A voz do outro é acolhida e passa a ritmar a repetição desta avaliação, que demarca uma progressiva valorização de si. Neste sentido, a repetição opera como um mecanismo de convencimento de sua expertise.

É neste tom que a historiadora constrói a sua distinção e legitima a sua prática. Medindo as insuficiências do meio brasileiro em relação aos fundamentos preliminares da história social, ela assim se expressava: “fiquei na Universidade até 6h ½ para dar indicações sobre temas diversos à estudantes e professores que acumulam fichas, mas não sabem o que fazer com elas!” (27 mar. 1979, p. 5).

Após a defesa da tese, Daumard continuou suas reflexões sobre os problemas de método em história social quantitativa trabalhando com François Furet. Para os autores da frase polêmica: “Cientificamente falando, não existe história social sem uma história quantitativa. Sobre este ponto, o acordo é quase unânime” (FURET; DAUMARD, 1959, p. 676, tradução nossa), a quantificação seria a chave para a construção da síntese graças à representatividade que ela seria capaz de fornecer a partir da recomposição estatística do fenômeno econômico e social em estudo.

Visando “reconstituir a estrutura de grupos sociais”, o plano de ensino que Daumard trouxe ao Brasil orientava a enumerar, classificar e transformar os dados encontrados nos arquivos notariais, paroquiais e administrativos em séries estatísticas analisáveis.⁵ Plano que, por estar demasiadamente centralizado nas experiências francesas, não atendia certas expectativas do público brasileiro. Daumard foi convidada a contribuir com uma estrutura em formação: os programas de pós-graduação em História. Portanto, ela se dirigia à estudantes e à jovens professores que estavam preparando suas dissertações e tinham urgência em saber como poderiam aplicar essas orientações à realidade das suas fontes: as quais tinham origens, conteúdos e funções diversas daquelas que Daumard lhes apresentava.

Ao invés de recuar diante de um público ainda pouco familiar e de uma historiografia a ser descoberta, Daumard tomava para si o dever de responder tudo a todos: “tenho que improvisar, inventar métodos, mas sem dizer nada claro, estou totalmente perplexa. Enfim, é o trabalho dos experts, falar sobre o que eles não conhecessem” (16 jun. 1975, p. 4).

Em suma, veremos que, a despeito dos descontentamentos manifestos em um espaço de ordem privada, a vontade de provar novamente o sabor do reconhecimento a levará a reconsiderar a sua própria maneira de ser uma historiadora francesa.

Reencontrá-las e reconstruir-se

⁵ A síntese de seu programa foi publicada em *Cinco Aulas de História Social* (1978).

A partir de 1977, os retornos de Daumard ao Brasil não se restringem mais ao cumprimento de uma agenda profissional, eles se tornam também momentos de reencontros, particularmente de reencontros femininos. Daumard remete suas cartas de Curitiba, de Salvador, de Niterói, de São Paulo e seu itinerário é sempre sustentado por uma rede de historiadoras, entre elas: Cecília Westphalen e Altiya Balhana (ALMEIDA, 2017) da UFPR, Kátia Mattoso (REIS; SOUZA, 2013) e Consuelo Pondé de Sena⁶ da UFBA, Yedda Linhares (LIBLIK, 2016) da UFF, Anita Novinsky (BRUMER; DREIZIK, 2011) e Maria Beatriz Nizza da Silva (MACHADO, 2016) da USP. Estas historiadoras trabalharam para fazê-la circular no meio acadêmico, ocuparam-se da organização de suas conferências, indicaram-na aos seus colegas e, em alguns casos, ajudaram-na a obter as subvenções às viagens. Mobilizando suas redes de contatos, essas mulheres atuaram fortemente na promoção acadêmica de Daumard.

As pesquisadoras brasileiras, como Daumard sublinha atentivamente, cumpriam múltiplas tarefas pedagógicas e administrativas em suas universidades. Instituições que já possuíam certo nível de estrutura institucional e onde começava-se a formar mestres. Segundo sua descrição, essas mulheres, assim como seus demais colegas, vinham de um meio social favorável. Como historiadora da elite social, Daumard aplicava sua abordagem em seus anfitriões: ela destacava suas origens familiares, observava e classificava seus níveis de vida.

Estes professores moravam em apartamentos confortáveis, alguns “imensos”, e sempre bem localizados. Eles tinham fazendas, casas no campo ou na beira do mar. Se eles não possuíam propriedades, eles conheciam quem as tivesse e, nessas circunstâncias, Daumard pôde passear em uma “antiga propriedade dedicada à cultura e à fabricação de açúcar, possuindo então muitos escravos” (15 jul. 1975, p. 1); em uma feira e em um jardim, ambos de domínio privado. Essas pessoas eram, ela insistia, “obviamente muito ricas” (22 ago. 1977, p. 1). Tais experiências, levaram-na a concluir

⁶ Infelizmente não encontramos entrevista ou artigo acadêmico sobre a trajetória da historiadora baiana Consuelo Pondé de Sena (1934-2015), cujo acervo foi doado à UFBA em 2017. Para um panorama do seu percurso, sugerimos: INSTITUTO, 2015.

que este estilo de vida não parecia “inacessível ao professor universitário” (21 jun. 1975, p. 3).

Relacionando a percepção de Daumard com o acesso ainda limitado ao ensino superior, vemos como seu itinerário fornece indícios para a caracterização social desse meio e traça um roteiro de força institucional, de distinção e de desigualdade.

No seio deste meio, Daumard sentiu-se muito bem acolhida. As palavras “gentileza, amigável, agradável” pululam de suas cartas. A historiadora é manifestamente feliz de contar a sua mãe e ao seu irmão quanto ela é “mimada” pela família da Anita Novinsky; e como as “mundanidades” preparadas por Kátia Mattoso já lhe suscitavam o desejo de “retornar logo” (26 ago. 1977, p. 3).

Sem demora, percebemos que o Brasil das suas cartas, esta “lembrança encantadora” (21 jun. 1975, p. 4), parece totalmente contrastante com a França, ou, ao menos, com as suas relações cotidianas. É saindo de suas cartas para folhear suas agendas pessoais, dia após dia, que compreendemos como essa viagem sacudiu sua rotina (BOURGUINAT, 2008).

Para além desta experiência pessoal sensível, é preciso considerar que esta rede feminina estava conectada por interesses teórico-metodológicos, nada mais distante do cenário francês em que o campo da história econômica e social era de domínio masculino (CHARLE, 1999; BURGUIÈRE; VICENT, 2014; DUMOULIN, 1998; PELLEGRIN, 2006).

No que diz respeito à edição e à sociabilidade intelectual, por exemplo, a falta de representatividade feminina pode ser ilustrada pelo imponente projeto de publicação de *História econômica e social da França*, dirigido por Braudel e Labrousse. Com exceção dos capítulos escritos pela historiadora Michelle Perrot, Daumard foi a única mulher a publicar nessa coleção. Avançando em sua interpretação sobre a burguesia francesa, ela ofereceu uma densa contribuição aos dois últimos volumes do projeto, publicados em 1976, 1979 e 1980. Todavia, a modesta colaboração por parte das historiadoras torna-se ainda mais explícita por ocasião dos colóquios e dos congressos que aconteceram entre os anos 1950 e 1970, onde notamos como Daumard estava sempre entre os homens.

Assim, desde 1979, sob o efeito de um ambiente favorável às suas pesquisas, a historiadora começa a construir diferentemente sua narrativa epistolar. O propulsor desta mudança foi o projeto de escrita de um “guia” de pesquisa em história social quantitativa, que, como ela bem disse: “eu não publicaria na França” (24 out. 1980, p. 1).

Primeiro, porque depois do insucesso da sua candidatura à Paris IV, em 1977, Daumard rompeu com seus colegas masculinos hierarquicamente bem situados (François Furet, Pierre Chaunu e François Crouzet). Nesse episódio, a historiadora foi preterida por François Caron que também foi aluno de Labrousse. Esse evento a tocou profundamente: a historiadora que partia do Brasil plena de confiança em si, não compreenderia de forma alguma as razões de sua derrota. Rejeitando negociações e cansada de acumular promessas, suas decisões acabaram por afastá-la do círculo dominante, onde ela deseja estar.

Em seguida, o campo intelectual francês tornava-se progressivamente desfavorável a sua perspectiva historiográfica e mesmo ao seu objeto de investigação: a burguesia. Na França, ao longo dos anos 1970, os questionamentos direcionados à abordagem quantitativa e à ambição de uma história total da sociedade embaraçaram ainda mais a sua situação (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012). Com a ascensão da micro-história, o “Daumardisme”, signo de uma prática ultrapassada, difundia-se como uma expressão pejorativa (APRILE, LYON-CAEN, 2007, p. 2).

Paulatinamente posta à margem, Daumard engaja-se em manter sua rede no exterior. Para tanto, ela se aproxima das fontes e das problemáticas que concerniam aos pesquisadores brasileiros:

[...] voltei da universidade onde passei 2h a traduzir sozinha uma cópia de inventário post-mortem e um documento de 1877, os quais utilizarei em meu curso amanhã. Compreendi quase tudo e estou muito orgulhosa de mim! (15 mar. 1979, p. 3-4).

Desde então, Daumard estabelece um novo modo de trabalho: ir aos arquivos, explorar as fontes em seus seminários e, ainda, debater sobre a escrita do “guia brasileiro” com Westphalen, Balhana e Márcia Graf, pertencentes à UFPR.

Enfim, face às confrontações pessoais e à crítica da sua prática historiográfica, seus deslocamentos para o Brasil, à medida que a afastavam do campo de combate francês, tornaram-se momentos de questionamento de si.

Essas experiências em solo estrangeiro, asseguram a ela o domínio de sua expertise ao mesmo tempo que lhe mostram as vantagens do diálogo como o outro. Logo, é a historiografia brasileira, a princípio subavaliada, que oferece a Daumard o apoio necessário para se manter em pé e seguir reconstruindo-se.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Leticia Leal de. *A construção da história demográfica na historiografia paranaense: a historiadora Altiva Pilatti Balhana*. 2017. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

APRILE, Sylvie; LYON-CAEN, Judith. Introduction. *Revue d'histoire du XIXe siècle*, n. 34, p. 1-9, 2007.

BOURGUINAT, Nicolas (Dir.). *Le voyage au féminin. Aspects historiques et littéraires (XVIIIe-XXe siècles)*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2008.

BRUMER, Anita; DREIZIK, Marcia. Das pesquisas sobre a Inquisição e os cristãos-novos no Brasil ao Museu da Tolerância da Universidade de São Paulo: Entrevista com Anita Novinsky. *WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v.3 n.2, p. 143-150, jul-dez 2011.

BURGUIERE, André ; VINCENT, Bernard. (Dir.) *Un siècle d'historiennes*. Paris: Des femmes – Antoinette Fouque, 2014.

CHARLE, Christophe. Les femmes dans l'enseignement supérieur. Dynamiques et freins d'une présence 1946-1992. In : DUCLERT, Vicent; FRIDENSON, Patrick (Dir.). *Avenirs et avant-gardes en France XIXe-XXe. siècles. Hommage à Madeleine Rebérioux*. Paris: Éditions La Découverte, 1999, p. 84-105.

DAUMARD, Adeline. *Cinco Aulas de História Social*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, 1978.

_____. *La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848*. Paris: S.E.V.P.E. N., 1963.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 16 jun. 1975.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 21 jun. 1975.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 15 jul. 1975.* Paris : Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 14 ago. 1977.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 22 ago. 1977.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 26 ago. 1977.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 30 ago. 1977.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 15 mar. 1979.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 27 mar. 1979.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. 24 out. 1980.* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

_____. *Lettre à maman et Jacques. ([1980]).* Paris: Fonds Daumard, Archives Nationales.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DUMOULIN, Oliver. Archives au féminin, histoire au masculin. Les historiennes professionnelles en France, 1920-1965. In : SOHN, Anne-Marie; THELAMON, Françoise (Dir.). *L'Histoire sans les femmes est-elle possible?* Paris: Perrin, 1998, p. 343-356.

FURET, François; DAUMARD, Adeline. Méthodes de l'Histoire sociale: les Archives Notariales et la Mécanographie. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, ano 14, n. 4, p. 676-693, 1959.

FOHLEN, Claude. Adeline Daumard. La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848. *The Economic History Review, New Series*, n. 2, p. 423-425, 1964.

INSTITUTO Geográfico e Histórico da Bahia. *Morre Consuelo Pondé de Sena*. Salvador: IGHB, 2015. Disponível em: < <https://www.ighb.org.br/single-post/2015/05/14/Morre-Consuelo-Pond%C3%A9-de-Sena>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LIBLIK, Carmem S. da F. K. Trajetória de Maria Yedda Linhares: notas sobre a construção de um devir. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 22, p. 116-133, dez. 2016.

MACHADO, Daiane Vaiz. *Por uma “ciência história”: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998*. 2016. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

MARQUANT, Robert. Adeline Daumard. La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848. *Bibliothèque de L'école des Chartes*, n. 1, p. 327-330, 1966.

MOLS, Roger. Daumard (Adeline). La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848. *Revue belge de philologie et d'histoire*, n. 3, p. 1053-1058, 1964.

PELLEGRIN, Nicole (Dir.). *Histoires d'historiennes*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2006.

REIS, João J.; SOUZA, Evergton S. Katia Mytilineou de Queirós Mattoso (Volos, 1931 – Paris, 2011). *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 48, p. 365-381, 2013.

WALTON, Whitney. Des enseignantes en voyage: les rapports des boursières Albert Kahn sur la France et les États-Unis, 1898-1930. In : BOURGUINAT, Nicolas (Dir.). *Le voyage au féminin. Aspects historiques et littéraires (XVIIIe-XXe siècles)*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2008, p. 131-149.